

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS EM DISCURSOS MIDIÁTICOS – ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES ANALÍTICAS DA AD BRASILEIRA E DOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Juliana Cecci Silva¹

Resumo: Com base em um possível diálogo entre os percursos teórico-metodológicos de Carlos Piovezani Filho (2007, 2009) e de Maria Cristina Leandro Ferreira (2003), tomados aqui como representantes da AD “brasileira”, pretendemos, nesse breve ensaio, chamar a atenção para a questão da produção e da circulação de sentidos no discurso político eleitoral televisivo contemporâneo e, por fim, no intuito de apresentar a aplicação dos pressupostos teórico-metodológicos da AD associados aos dos Estudos de Tradução, abordaremos essa mesma questão a partir da tradução para o português da campanha francesa *La violence: si tu te tais, elle te tue*.

Palavras-chave: AD brasileira, Discursos midiáticos, Acontecimento, Produção e Circulação de Sentidos, Interdisciplinaridade, Estudos da Tradução.

1 Introdução

Os recentes estudos das Ciências da Linguagem, principalmente os que se colocam sob perspectivas que se ancoram no pressuposto de que os sentidos são construídos historicamente – como é o caso, por exemplo, dos estudos da Análise do Discurso brasileira (é a que nos interessa aqui), dos Estudos da Tradução, da Semântica da Enunciação, da Semântica do Acontecimento e de certas correntes da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Histórica² – já provaram que não há nada de homogêneo e claro na linguagem, mas que, ao contrário, o que há é uma perene transformação das línguas, dos sentidos e de nós mesmos, os sujeitos da linguagem.

Assim, na esteira das reflexões contemporâneas acerca da linguagem, cujo escopo é escancarar o aspecto transitório da relação significante/significado a fim de desconstruir o

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: julianacecci@yahoo.com.br

2 Poderíamos, para citar um exemplo clássico das questões da Sociolinguística e da Linguística Histórica que ilustram essas relações de força (cuja ideia central também pode ser encontrada na Análise do Discurso, mas numa diferente perspectiva, a partir de diferentes noções) chamar a atenção para a construção do *status* social a partir da cultura dominante (cuja língua é invariavelmente de superstrato) sobre as dominadas (cujas línguas são invariavelmente de substrato) (LUCCHESI, 2009; PAGOTTO, no prelo)

tradicional projeto de univocidade e estabilidade do sentido no interior daquela relação³ – e que vem sendo perpetuado ao longo da História através daquilo que o filósofo francês Sylvain Auroux chama de *gramatização*⁴ – podemos afirmar que a Análise de Discurso brasileira e os Estudos da Tradução, disciplinas que nos interessam no presente trabalho, vêm apresentando interessantes contribuições teórico-metodológicas para se trabalhar com a materialidade discursiva da linguagem⁵. Em minha palestra, pretendo apresentar algumas dessas contribuições, seja no que cada uma dessas disciplinas têm de particular, seja na associação entre elas, em seus possíveis diálogos.

Para tanto, dividimos a palestra em dois momentos; no primeiro, comento a análise do discurso político eleitoral televisivo contemporâneo a partir de dois analistas do discurso no Brasil; no segundo, traduzo uma campanha francesa recorrendo à associação dos procedimentos teórico-metodológicos da AD brasileira e dos Estudos de Tradução.

2 Primeiro momento

Partindo do princípio de que há cerca de 40 anos podemos contar com uma AD “brasileira” – isso é, com uma Análise de Discurso originalmente fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos de Michel Pêcheux, mas que, desde sua chegada no Brasil, vem sofrendo adaptações para a especificidade da realidade de nosso país a partir, por exemplo, das contribuições de Eni P. Orlandi, cujo resultado origina-se, dentre outros, do seu frutífero diálogo epistemológico com Sylvain Auroux⁶ –, meu objetivo, nesse primeiro momento da palestra, é apresentar alguns

3 Há na base dessa concepção inatista e metafísica de se encarar a linguagem o desejo de uma língua perfeita (adâmica, no sentido lembrado por Foucault mais abaixo), capaz de alcançar as essências, isso é, que teria como fundamento a característica mais própria das criaturas: no nome, teríamos um “signo” totalmente adequado ao referente, ou, como explica Foucault (2002, p. 49-50), “sob sua forma primeira, quando foi dada aos homens pelo próprio Deus, a linguagem era um signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes *assemelhava*. Os homens eram depositados sobre aquilo que designavam, assim como a força está escrita no corpo do Leão, a realeza no olhar da águia [...].aquelas palavras que Adão havia pronunciado, impondo-as aos animais, permaneceram [...] arrastando consigo [...] as propriedades imóveis dos seres [...]”

4 A esse importante movimento metalinguístico no qual a reflexão sobre os vernáculos, e suas respectivas escritas, é seguida da fixação destes, Sylvain Auroux (2014) chama de “instrumentalização linguística”; para ele, apenas uma historiografia, fundada nos preceitos da Filosofia e das Ciências Humana (a qual só despontou no início do século XIX) têm condições de compreender os desenvolvimentos dessa perene “revolução tecnológica da gramatização”. Auroux explica que “por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (2014, p. 65)

5 a caráter materialista das abordagens enunciativas e discursivas, por outro lado, refere-se à relação simbólica, e, portanto, histórica, política, conflituosa da linguagem com o real que, como tal, não há como ser considerada transparente. Segundo Orlandi (2010, p.17), “O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso”.

6 Quanto ao supracitado Programa História das Ideias Linguísticas no Brasil (HIL), seu pressuposto teórico-metodológico é composto originalmente pelo diálogo da Análise de Discurso pêcheuxiana (AD) com o interdisciplinar e multinacional projeto de Sylvain Auroux e equipe de uma enciclopédia crítica da História das Teorias Linguísticas. Despontado nos anos 80 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), esse programa de pesquisa desenvolve, desde então, e com a participação

elementos que contribuem para uma importante reflexão acerca da produção e da circulação de sentidos no discurso político eleitoral televisivo contemporâneo; para tanto, trilhamos o percurso teórico de Maria Cristina Leandro Ferreira (2003), expresso em seu artigo “O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil” (FERREIRA, p. 39-46, 2003), e o de Carlos Piovezani Filho (2007), expresso em seu artigo “Metamorfoses do Discurso Político Contemporâneo: por uma nova perspectiva de análise” e “Elementos para uma caracterização do discurso político” (p. 25-42, jan./jun. 2007).

Piovezani afirma que “No Brasil (...) os trabalhos mais sólidos e mais relevantes sobre o discurso político debruçaram-se sobre *corpora* escritos ou orais que foram transcritos”, portanto, vê-se logo que a escolha por esse tipo de discurso se deve à escassez de trabalhos sobre *corpora* político televisivos, que, por outro lado, parece ser o principal objeto de análise nos trabalhos de Piovezani; além disso, embora muito tempo tenha transcorrido desde a recepção da AD no Brasil até os dias de hoje, e muito se tenha refletido quanto à adequação deste campo de saber à realidade brasileira, este discurso, o “político eleitoral televisivo contemporâneo”, com todas esses adjetivos (“político”, “eleitoral”, “televisivo” e “contemporâneo”), segue existindo como o legítimo “lugar” da opacidade da língua, em que o não-dito (o silenciado) diz, na verdade, mais do que o dito.

interdisciplinar de pesquisadores de universidades nacionais e internacionais, projetos que reúnem uma produção de conhecimento voltada para “uma” compreensão “brasileira” da história linguístico-social da língua portuguesa no Brasil, da língua brasileira; escopo atingido sobretudo pela determinação de seus pesquisadores em analisar os processos de significação dos instrumentos linguísticos produzidos no Brasil. Com essas interlocuções interdisciplinares, a HIL propõe fornecer “uma” lente (dentre incontáveis lentes que podem existir) que dê “visibilidade” para os elementos e processos articuladores da produção de sentidos dos discursos, inclusive aqueles que, sem serem notados pelos sujeitos, apagam, silenciam, deslizam os sentidos nos mais variados níveis de força dentro da ideologia. A partir de uma das noções mais caras à AD, a de que os discursos são produzidos por sujeitos interpelados pela ideologia, o HIL, junto com as apropriações e adaptações tomadas de certas noções/conceitos das pesquisas lideradas por Auroux, fornece as ferramentas para acessar os mecanismos ideológicos que existem na prática discursiva, expondo suas articulações de produção de sentidos ao “desvelar ao nosso olhar” o véu de evidência de transparência. Esse posicionamento se deve à recusa da ideia agregada à noção de documento pelas abordagens tradicionais de análise em que esse objeto é considerado pronto, acabado. Assim, o objeto do HIL não é o documento, uma vez que, assim como a AD, esse programa considera falsa qualquer ideia de neutralidade no seu processo de significação; o HIL trabalha com o discurso, mesmo que essa materialidade, qualquer que seja ela (fotografia, ilustração, canção, poema etc.), nunca tenha sido retida pela abordagem histórica tradicional como um documento, um testemunho legítimo do(s) fato(s) em questão, pois a noção de arquivo que a AD coloca à disposição para esse programa está sempre aberto às possíveis discursividades, mesmo àquelas que foram sufocadas desde sua origem. Sendo assim, na perspectiva do HIL, há sempre novas possibilidades de compreensão dos sentidos e dos elementos e processos articuladores de sua produção. Enquanto nas abordagens tradicionais o arquivo é fechado e os “textos” (em suas mais diversas materialidades, como paratextos, fotos, ilustrações etc.) são documentos que foram categorizados historicamente como verdadeiros e acabados, na abordagem da AD e, consequentemente, na do HIL, o arquivo é aberto e não existem “textos” meramente; todo texto é potencialmente um discurso no qual o analista deve se debruçar para tentar compreender historicamente o funcionamento dos seus elementos e processos articuladores, como: as filiações de sentidos, as condições de produção, o lugar de enunciação, o interdiscurso (memória discursiva), a formação discursiva etc., para, nesse movimento, reestabelecer novos sentidos da trama discursiva: “[...] Os textos foram historicamente categorizados como ‘documentos’ aqui tomados como discurso: lugar de significação, de confronto de sentidos, de estabelecimento de identidades, de argumentação.” (ORLANDI, 1990, p.18).

O termo “Discurso”, do latim *discursus,us*, designa em sua etimologia a ação de “correr para diversas partes”, “de tomar várias direções”, enquanto em sua acepção mais geral e atual, “discurso” significa “língua em ação”, e tanto é assim que, para muitos linguistas, discurso nessa acepção é sinônimo de *fala* e figura em igualdade de sentido na dicotomia *língua/discurso*.

O sentido de qualquer que seja o discurso, como a a própria etimologia desta palavra já o antecipa, está em constante curso, isso é, o sentido circula nos interdiscursos, nos espaços entre os acontecimentos de mundo (históricos) e os discursivos.

O campo da Análise do Discurso vai ser determinado, então, predominantemente pelos *espaços discursivos das transformações do sentido*, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, *de um trabalho de sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações*. (PÊCHEUX, 1990, p. 51).

Partindo desse princípio basilar da Análise do Discurso (AD) de perspectiva francesa, Piovezani, assim como Pêcheux, considera o acontecimento discursivo “o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1997, p. 17) e apresenta a *semiologia histórica* como um conceito-chave nas relações entre sujeito, língua, história e formação discursiva.

Dando prosseguimento ao objeto de maior prestígio da AD francesa, Piovezani, em seu artigo, prioriza a investigação do discurso político, sobretudo no que diz respeito ao tratamento que se deve dar aos acontecimentos políticos contemporâneos no Brasil; para tanto (e como não poderia deixar de ser!) ele leva em conta os diversos suportes de produção e circulação de sentidos da contemporaneidade, mas mais especialmente a televisão, por ser ela definitivamente o veículo de produção e circulação de sentidos que, por excelência, melhor reflete as formações discursivas no Brasil; pois, a televisão, mesmo com a popularização do computador e da internet, continua sendo “o” aparelho, o veículo, de produção e de circulação de sentidos no Brasil, uma vez que os programas televisivos – sejam novelas, noticiários, desenhos animados etc. – são os mesmos para toda a população, independente da condição social, financeira, cultural, independente da faixa etária, do acesso ao lazer etc. Por tudo isso, Piovezani defende que o estudo do discurso contemporâneo a partir da televisão reflete sobremaneira o movimento dos sentidos na memória discursiva da política no Brasil, ou seja, no seu interdiscurso.

Contraopondo-se à noção de sistema, estrutura, a despeito das contribuições que a AD, em sua origem, recebeu do Estruturalismo saussuriano, ou melhor, do livro *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure, contribuições atestadas pelo próprio Piovezani em seu artigo; cito Piovezani:

campo de saber desenvolvido no Brasil, desde os anos 1970, a partir do conjunto de postulados teóricos e metodológicos elaborados e/ou aperfeiçoados pelo filósofo Michel Pêcheux e seu grupo de pesquisa. A AD francesa surge no âmago do movimento estruturalista, sob a forma de uma síntese entre uma certa lingüística⁷, um certo marxismo e uma pitada de psicanálise, tão ao gosto do contexto francês da segunda década de 1960. (2007, p. 2).

Observamos nesse seu artigo que desde o título, o resumo e as palavras-chave, o autor recorre a palavras carregadas da noção de “movimento”, tais como “metamorfoses”, “discurso”, “fala”, “desdobramentos” – noção inexoravelmente ligada às noções de tempo e espaço, as bases da História. Por outro lado, o primeiro conceito que manifesta explícita e paradoxalmente a filiação/oposição de Piovezani tanto ao Estruturalismo quanto ao Pós-Estruturalismo, com um jeitinho bem brasileiro, é o de “semiologia histórica”. Originalmente, é Saussure quem inaugura o termo Semiologia com um novo sentido; com ele, o que antes significava apenas “interpretação dos sintomas”, e que só tinha uso na terminologia médica, passa a significar:

[...] ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social [...]. Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Lingüística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 1987, p. 24).

Até esse ponto, por recorrer a um termo tão elementar das origens da Linguística, pode-se pensar que Piovezani continua estreitamente ligado ao positivismo saussuriano, no entanto, o adjetivo “histórica”, que precede o substantivo “semiologia” nesse sintagma, vem desequilibrar tal filiação, instalando uma oposição, um desvio. Pois, enquanto Saussure dividiu a Linguística em Linguística sincrônica (para ele, a Linguística propriamente dita) e Linguística diacrônica (o estudo da sucessão dos termos que se substituem uns aos outros no tempo), Piovezani, ao invocar a Semiologia histórica, está claramente complexificando o conjunto dos fatos humanos significantes e se desviando do caminho que o estudioso genebrino havia pré-determinado; com a Lingüística sincrônica de Saussure (1857-1913), o foco estava centrado naquilo que considerava o principal sistema significativo de todos os outros sistemas: a língua em sua abstrata condição estática; Saussure acreditava que somente a partir desse recorte o objeto de suas investigações, a língua, seria passível de compreensão científica. Em contrapartida, com a proposta de uma Semiologia histórica, o objeto passa a ser todos os sistemas significativos; isso é, não só a língua, mas inclusive os ritos e os costumes, os sistemas de comunicação vigentes na sociedade (todas as mídias, todos os meios de

7 Linguística esta que, segundo Saussure, precisava abdicar dos estudos diacrônicos para poder se deter naquilo que constituiria o legítimo objeto de análise: a língua como sistema.

produção e de circulação de sentidos), entre outros, são capazes de produzir efeitos metafóricos, deslizamentos de sentido, apagamentos, silenciamentos etc. ordenados pela injunção do dizer, ou seja, são capazes de produzir gestos de interpretação. O que antes se respaldava na idéia positivista de precisão, clareza, generalização, abriu-se, então, para as ambiguidades, as polissemias, a opacidade, as particularizações etc.; Piovezani (p. 112-113) confirma sua perspectiva ao dizer:

Fundamentamos nosso trabalho na hipótese, bastante cara à AD, de que a produção e a interpretação dos sentidos instauram-se como encarnação do discurso na história. Acreditamos que seja necessário, com vistas a melhor interpretar os mecanismos de construção dos sentidos, considerar simultaneamente a constituição histórica do discurso, sua formulação semiológica – sob a forma de gêneros, enunciados, fórmulas, imagens, sintagmas – e sua materialização num *medium* (último § da p. 112, e p. 113).

No entanto, como bem lembra Ferreira, deve-se tomar algum cuidado para não perder de vista a noção de valor saussureano, fundamental para se pensar o funcionamento discursivo:

O sistema discursivo apresenta os traços comuns atribuídos ao termo pelo estruturalismo, como organização, arranjo, solidariedade e regularidade. É pertinente, por isso mesmo, lembrar a figura do jogo de xadrez associada à concepção de sistema e de estrutura, onde uma peça do jogo só valeria integrada no conjunto das demais peças. A noção de valor saussuriano, como se vê, continua indispensável e fundamental para se compreender o funcionamento desse outro sistema – o discursivo. (FERREIRA, 2003, p. 44-45).

Por intermédio do sintagma “Metarmofoses”, Piovezani também chama a atenção para a inclusão da real complexidade do discurso político e de seus novos suportes mediáticos (como a televisão) nos estudos de AD; *media* estas que surgem no curso da História, que se manifestam em contextos, tempos e lugares específicos, mas que emergem da memória discursiva (o interdiscurso) como acontecimento, alterando, assim, os sentidos dos discursos e “invertendo os paradoxos” e os paradigmas, rompendo com o pré-construído. Segundo Piovezani:

O deslocamento do discurso político da tribuna para a televisão assinala a inversão de um paradoxo: no palanque, o orador político tradicional está, como descreve Courtine (1989), sob a proximidade do olhar da multidão que assiste à *performance*, de modo que o conjunto dos ouvintes instaure com o político uma relação fundada sobre uma ‘distância próxima, inversamente, na televisão, o político está submetido a um ‘olhar aproximado’ do telespectador-eleitor, que, de certa maneira, não está lá, ainda que esteja. Numa palavra, trata-se de uma relação de ‘proximidade distante’ (COURTINE, 1989: 72-73). Com efeito, as inovações tecnológicas, em conjunto com uma série de transformações históricas de diferentes durações, parecem ter contribuído para o advento de mudanças bastante significativas nas práticas de produção e de interpretação dos discursos políticos. [...] ao mesmo tempo em que o dispositivo midiático impede, pelas propriedades de seu funcionamento, a assimilação do corpo ‘real’ da percepção, ele proporciona a produção de efeitos de real, sobretudo graças à sua capacidade de associar a imagem ao movimento e ao som. (2007, p. 115-116, grifo nosso).

Assim, a televisão, com todos os seus dispositivos para “efeitos de real” (áudio, luz, ângulos, imagens etc), por si só já constitui uma produtora de sentidos, não um mero suporte para a sua circulação. E, mais à frente, quando Piovezani (p. 112, 2007) diz “As metamorfoses da ‘fala’ política contemporânea”; “fala” é usada no sentido metafórico, significando discurso; mas não aquele discurso que certos linguistas figuram em pé de igualdade com o *parole* da dicotomia *langue/parole*, e sim, seguindo a afirmação de Ferreira (p. 13, 2001), como a “prática social cuja regularidade só pode ser aprendida a partir da análise dos processos de sua produção, não dos seus produtos.”

3 Segundo momento

Em um segundo momento, com o intuito de corroborar nossa hipótese de que o uso concomitantemente dos procedimentos teórico-metodológicos da AD brasileira e dos Estudos de Tradução podem ser muito úteis não só para a compreensão dos sentidos produzidos e circulados na memória discursiva (ou interdiscurso, como preferem alguns autores), mas também (e como consequência), para o estabelecimento “consciente” de uma determinada tradução, traduziremos e analisaremos o discurso da campanha *La violence: si tu te tais, elle te tue*, promovida pelo Conselho regional de Île-de-France com o intuito de proteger jovens que sofrem de violência nas escolas.

Na realidade, pretendemos aqui apenas esboçar o que poderia ser a concomitantemente aplicação dos pressupostos teórico-metodológicos da AD brasileira que, segundo Ferreira (p. 41, 3003), é uma “teoria crítica da linguagem”, aos dos Estudos de tradução (que também se funda em uma teoria crítica da linguagem), tendo por *corpus* a citada campanha; e acreditamos que, de forma semelhante à que acontece com a AD brasileira, os Estudos de Tradução também se ligam ao que Ferreira chama de um “processo sem início nem fim”:

E todos nós que nos interessamos pelas questões discursivas e que, por alguma razão, somos tocados por elas, somos instigados a nos aventurar por esse caminho, nunca plano, nem acabado, mas, ao contrário, sempre tortuoso e deslizando, um verdadeiro “processo sem início nem fim” (parafrazeando Althusser, mais uma vez). (FERREIRA, p. 39, 2003).

É possível que esse nosso ponto de vista se deva à simpatia que mantemos pelo pensamento de Jacques Derrida, para quem a multiplicidade de sentidos é própria da linguagem; e na trilha do pensamento derridiano, também é “tarefa” do tradutor (fazendo aqui alusão ao texto *Tarefa do Tradutor* de Walter Benjamin, com quem Derrida especialmente dialoga em seu ensaístico trabalho

sobre tradução, o livro *Torres de Babel*) distinguir quais são os gestos de interpretação que estão constituindo os sentidos e, para tanto, explicitar os pontos de deriva do discursivo.⁸

E por que que escolher um *corpus* tão diferente do de Piovezani para o exercício analítico? Primeiramente porque há tempos quero uma outra oportunidade para colocar à prova a associação entre as epistemologias dos Estudos de Tradução e da Análise do Discurso; minha primeira vez foi na dissertação de Mestrado; em segundo lugar, também há tempos procuro uma oportunidade para analisar o discurso da campanha *La violence: si tū te tais, elle te tue*, que me chamou muita a atenção por sua força metonímica e imagética quando de minha estadia em Paris, em novembro de 2010.



Fig. 1

Fig. 2

Exemplares de cartazes da primeira fase da campanha

8 A história, a multiplicidade de línguas e a impossibilidade de nomeação desempenham importante papel na “tarefa do tradutor”, sem esquecer que, a propósito, tal pensamento tem suas raízes nos mesmos movimentos intelectuais das décadas de 60 e 70, que colocaram à mostra as incoerências da Linguística estruturalista.

outras palavras, pretendemos colocar à luz os dispositivos discursivos de que o Conselho regional de Île-de-France lança mão para produzir efeitos de sentido.

Este exemplar de cartaz da campanha pode ser visto em diversos tamanhos (geralmente ocupa um grande espaço) em locais públicos de grade circulação de pessoas, tais como estações de metrô, no interior de trens e ônibus.

O dito *La violence: si tu te tais, elle te tue*, dos primeiros cartazes, traz silenciado *La solution, c'est d'en parler*, que, na versão mais atualizada da campanha, de um não-dito passa para o dito, conforme se vê no último cartaz.

A tradução, vista aqui na perspectiva derridiana, tem a “missão” de acessar a memória discursiva (interdiscurso) desse discurso e, para isso, pode se valer da associação dos percursos teórico-metodológicos da AD e dos Estudos da Tradução.

A princípio, pensamos nas seguintes possibilidades de tradução:

1. A violência: se você se cala, ela te (lhe) mata.
2. A violência: se você se silencia, ela te (lhe) assassina. (esse “se” é uma conjunção condicional; indica hipótese ou condição; antecipa o que provoca a morte)
3. A violência: quem cala **consente**.

Dado que os fatores textuais do enunciado *La violence: si tu te tais, elle te tue*, claramente ligam-no ao que o professor, tradutor e teórico da tradução Mário Laranjeira, em seu livro *Poética da Tradução*, chama de “textos literários” por sua natureza proverbial, trataremos de escolher, dentre as possibilidades mencionadas, a tradução que melhor respeita não só as aliterações, o feito de motivação entre o significante e o significado, o efeito de aproximação informal do pronome “tu” (tutoier), mas também a equivalência deste provérbio no Brasil (LARANJEIRA, 1993, p. 21).

A partir desta filtragem, optamos pela terceira opção, “A violência: quem cala **consente**”, pois é a que melhor resgata em nossa cultura o tom proverbial do enunciado (o pré-dito), além de possibilitar, seja pelas aliterações, seja pelo uso do negrito (*bold*), a produção e a circulação do mesmo efeito de sentido dos cartazes da campanha francesa. É certo que o provérbio brasileiro perde o *tutoiement* – próprio de quem quer e pode falar de igual para igual –, a informalidade no tratamento que, na língua francesa, mas não na portuguesa, se consegue com a escolha do pronome *tu* em detrimento do *vous*; no entanto, mantém (ou talvez até melhora) o tom popular, a abertura para o “quem quer que seja”, a brevidade e a sonoridade, autênticos recursos dos provérbios, das expressões populares, para facilitar a memorização e fazê-la circular.

Para além do enunciado, a metonímia imagética, semioticamente falando, é usada e abusada para reforçar não só o sentido de violência, mas também para lembrar que é um problema de ordem nacional; isso se vê desde a confusa profusão de palavras que, de um modo ou de outro, está ligada à última palavra que sai da boca da vítima, “violência”, até as cores vermelha e preta, associadas, na cultura ocidental, ao sangue (vermelho), à morte (preta). Além do mais, os recursos gráficos, muito semelhantes aos dos *bandes dessinées* (história em quadrinhos), atraem a atenção de pessoas de todas as idades; uma vez que as revistas em quadrinhos são um gênero textual bem tradicional da cultura francesa; e que, portanto, funcionam muito bem como suporte midiático. Os *bd*, como normalmente são chamados nas línguas francófonas, fazem parte de sua história, de sua tradição. Muitos deles (como *Asterix et Obelix*, *Tim Tim*, para só citar alguns conhecidos no Brasil) foram adaptados para o cinema, ou melhor, para usar a terminologia de Roman Jakobson no texto “Aspectos linguísticos da tradução”, foram transmutada⁹; Cito Jakobson (1974, p. 65): “A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais”.

Em nossa tradução, optamos pelo uso do negrito, pois, ainda que no enunciado ele não tenha sido usado, no balão com a profusão de palavras agressivas o foi; ademais, é muito comum nesse gênero textual, literário, recorrer a esse recurso gráfico para caracterizar ênfase, voz alta e/ou agressividade. E, do modo como aparece no balão, alternando com a fonte normal, expressa visualmente a desarmonia uníssona efeito de par, confere efeito de paráfrase.

Por fim, optamos por este cartaz, o da mulher negra, por ele, além daqueles efeitos de sentido mencionados acima, apelar para a diversidade étnica, as questões de gênero; por ele se remeter inclusive à questão dos *sans papier* (dos imigrantes ilegais, que não possuem documento de cidadania francesa).

4 Considerações finais

É um fato incontestável na AD brasileira que a produção e a circulação de sentidos resulta da opacidade da língua e, podemos afirmar, inclusive, que tal característica também pode ser desvelada com o aparato teórico-metodológico dos Estudos da Tradução (cf. Berman etc.), especialmente quando se tratam de questões polêmicas, como é o caso da campanha analisada acima e de discursos políticos de uma forma geral. Em nossa lida diária com textos, deparamo-nos todo tempo com essa essência da materialidade discursiva (e portanto ideológica) da língua. Assim,

9 Há também a tradução intralingual (ou *reformulação*) e a tradução interlingual, o que para ele caracteriza a tradução propriamente dita.

acreditamos que há fortes indícios de que, em casos de textos a serem traduzidos, o arcabouço teórico-metodológico dos Estudos da Tradução associado ao da AD pode constituir uma prática muito produtiva e enriquecedora para ambas as epistemologias, pois, ainda que muitas vezes estas recorram a diferentes terminologias, noções, seus objetivos e modos de alcançá-los, de forma geral, se assemelham; o tradutor também necessita driblar a opacidade da língua para revelar os possíveis sentidos velados por pela materialidade discursiva; assim como o analista do discurso, o tradutor também precisa desenvolver um olhar crítico, gestos de interpretação, sobre o acontecimento. E, como já vimos no caso da gestação da AD brasileira, nada melhor que a colaboração de diferentes disciplinas de entremeio¹⁰ para abrir novas possibilidades epistemológicas na tarefa de desvendar os possíveis sentidos, o que nos leva fatalmente a produzir novos sentidos.

Em síntese, ao desvendar os deslizamentos, as equivalências, as adequações de sentidos, as marcas de heterogeneidade (sejam elas explícitas e/ou implícitas, como a polifonia, a negação, a ironia, os pré-construídos) etc., pretendemos investir nessa junção teórico-metodológica a fim de melhor acessar a memória discursiva (interdiscurso) e tornar menos opaca a realidade do discurso quando da passagem da língua-fonte (nesse caso, o francês) para a língua-alvo (o português). Não se esquecendo, inclusive, que toda e qualquer mídia, seja a televisão, o *outdoor*, com todos os dispositivos de que dispõe, são, além de veículo, produtor de sentidos e, como tal, estão submetidos às condições de produção, conceito inexoravelmente ligado às noções de tempo e espaço e, portanto, à História.

5 Referências

ARMANIA, L'AGENCE VIVANTE. Agence conseil en communication. Disponível em: <<http://www.armania.com/2010/06/la-violence-si-tu-te-tais-elle-te-tue.html>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. de Eduardo Guimarães *et al.*; rev. téc. da trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

10 Orlandi (1996), chama a Análise de discurso de disciplina de entremeio e, entendendo-a como disciplina que se estrutura no espaço entre a Linguística e outras disciplinas, sugiro que os Estudos de Tradução também podem ser entendidos dessa forma, uma vez que também se situa no espaço entre algumas disciplinas, como a Linguística, a Filosofia da Linguagem, a História, dentre outras; aliás, arrisco dizer que os Estudos de Tradução, assim como a AD (concordando com Piovezani), também necessita do que seja integrada a ela a “Semiologia Histórica” (Piovezani, p. 118, 2007).

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro, tradução e cultura na Alemanha romântica**. Trad. de Maria Emília Pereira Chanut. Baurú: EDUSC, 2002.

_____. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do longínquo**. Trad. de Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Frulan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/ PGET, 2007.

CECCI SILVA, Juliana. **Desconstrução da metafísica da linguagem e retradução dos capítulos 1, 2 e 3 do “Des Mots” de Leibniz**. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução), Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. de Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FERREIRA, Maria Cristina L. (org.). **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

FERREIRA, Maria Cristina L. “O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil”. **Cadernos de Comunicação** (UFSM), v. 1, p. 39-46, 2003.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ÎLE DE FRANCE. Jeune Violence Écoute: la solution c’est d’en parler. Disponível em: <<https://www.iledefrance.fr/fil-actus-region/jeunes-violences-ecoutes-solution-c-est-parler>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

JAKOBSON, Roman. “Aspectos Linguísticos da Tradução”. In: _____. **Linguística e Comunicação**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 63-72

MERLEAU-PONTY. **A prosa do mundo**. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Cosa & Naify, 2002.

PIOVEZANI, C. “Metamorfoses do Discurso Político Contemporâneo: por uma nova perspectiva de análise”. **Revista da ABRALIN** (Unesp), v. 6, n.1, p. 25-42, jan./jun. 2007.

_____. Elementos para uma caracterização do discurso político. In: PIOVEZANI, C. **Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, [1991?].